

R. P. E. P. E.

RUBEM BRAGA

1232
Um leitor me escreve perguntando se sou contra a existência da Radio Patrulha. Como policinar a cidade? Colocar um guarda em cada esquina é impossível. A Radio Patrulha é a solução moderna para a rapidez e eficiência do socorro policial, principalmente em uma cidade tão grande, comprida e cheia de ladrões e malandros como está o Rio. Isso diz o meu leitor, e acrescenta: "Está certo que você reclame contra as violências da Radio Patrulha. Mas ser contra a Radio Patrulha é um absurdo; e pedir sua extinção é um crime".

Esse leitor não entendeu o que tenho escrito. Na verdade nunca me ocorreu pedir a extinção da Radio Patrulha. O que acho atrozmente bárbaro e irracional é confiar, como se fez no Rio de Janeiro, a Radio Patrulha à Polícia Especial, isto é, a uma tropa de choque. A Polícia Especial é que não deveria existir. É uma sobrevivência da ditadura. Existiu e foi extinta em São Paulo, onde não faz falta alguma. Seria concebível em um período de grandes desordens, saques e motins, quando as autoridades têm necessidade de dispor de uma tropa de choque mobilizável com o máximo de rapidez para enfrentar com violência situações particularmente difíceis. Nada disso ocorre no Rio. E além da Polícia Especial continuar a existir (porque a maioria do Congresso se acobrou, não teve coragem de suprimi-la, aprovando o projeto do general Euclides de Figueiredo) ainda há o absurdo de lhe ser entregue a Radio Patrulha.

Uma briga de vizinhos, um incidente ou acidente qualquer de rua, uma atoarda de estudantes, um rebate contra um ladrão de galinhas, um engalfinhar de mulheres, um barulho excessivo de festa — tudo isso hoje é motivo para chamar a Radio Patrulha, isto é, a Polícia Especial. Esses rapazes da Radio Patrulha não foram educados para resolver um caso, para acalmar os ânimos, para investigar uma queixa, para liquidar um incidente. Foram educados para usar os músculos, o cassetete, as granadas de gás e a metralhadora de mão com o máximo de rapidez e violência. Que fina inteligência foi essa, que maravilhoso bom senso foi esse que entregou a essa força de choque a tarefa específica e tradicional da guarda-civil?

Notícia-se que a coisa vai piorar. Que o investigador que acompanha a patrulha vai ser eliminado, substituído por um P. E., mais graduado. Isso quer dizer que a Radio Patrulha vai ser ainda mais de choque e ainda menos policial.

Por que o chefe de polícia, que vive a alardear sua boa vontade e dar as mais tristes provas de fraqueza e conivência com os crimes de sua Polícia, não se digna ao menos fazer uma experiência? Entregue a Radio Patrulha a investigadores comuns, funcionários da polícia, selecionando os mais honestos e capazes. Diga-lhes que em qualquer caso procurem resolver tudo sem violências nem prisões desnecessárias. Ou entregue a R. P. a guardas-civis, elementos acostumados a manter a ordem e não a promover desordens. Deixe os atletas do morro sossegados lá em cima, a se divertirem, como o fazem, em jogar basquete ou matar pombos ao voo com tiros de revólver. Deixe-os lá, já que esse nosso governo parece um desses valentões do interior viciados a ter capangas e que se sentem patifes quando não os vêem à volta de si.

A Polícia Especial tem uma história de muitas violências, muitos crimes, muita desordem e pouquíssima utilidade real. Deve ser extinta quanto antes; só tende a piorar. A Radio Patrulha é uma necessidade do policiamento. Separar uma coisa de outra é urgente, e se o governo, cabeçudo, insensível a todas as vozes da opinião, não o faz, é porque ele quer mesmo que a bagunça se alastre.

O incidente com os oficiais da Aeronáutica — tudo começando numa simples piadinha de calçada, tudo solucionável pelo mais calmo e pacato dos guardas-civis! — é uma séria advertência. Não ouvi-la me parece coisa desumanamente tola ou prodigiosamente estúpida.

25.1.49